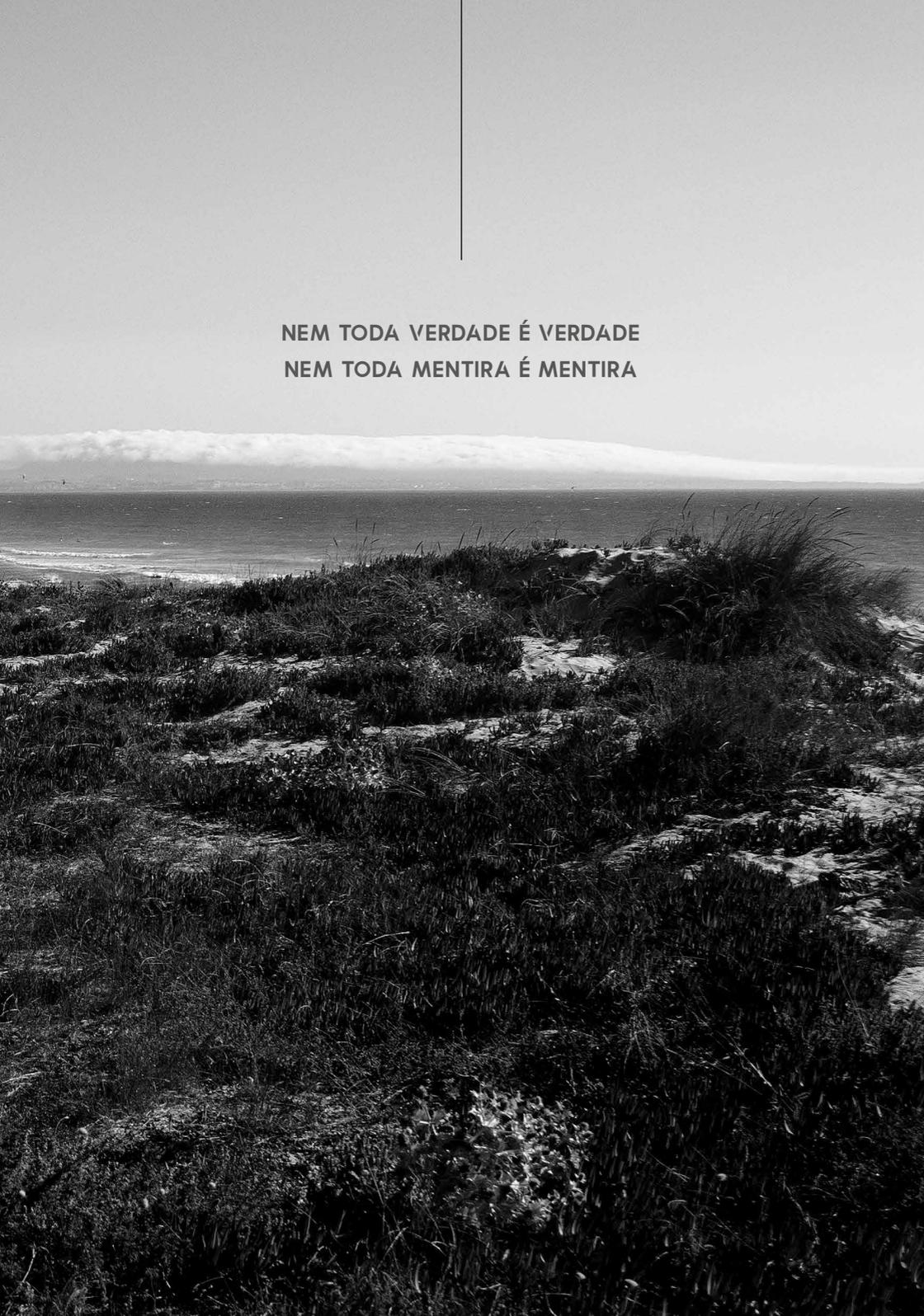


A person wearing a white suit is standing in a field of tall, dry grass. The person is looking upwards, and their hair is blowing in the wind. The background is a clear, dark blue sky. The text 'IN E T A L' is overlaid on the image in a large, white, sans-serif font, with the letters 'I', 'E', 'T', and 'A' stacked vertically and 'L' positioned below them. The text is partially obscured by the person and the grass.

IN  
E  
T  
A  
L

RUY FILHO



**NEM TODA VERDADE É VERDADE  
NEM TODA MENTIRA É MENTIRA**

---

**INEVITÁVEL É UM ESPETÁCULO  
CONTRUÍDO A PARTIR DE  
ACONTECIMENTOS NA HISTÓRIA.**

**ESTA PUBLICAÇÃO CONTEMPLA  
OS TEXTOS QUE SE ALTERAVAM  
A CADA APRESENTAÇÃO  
E SEUS MONÓLOGOS.**

---



Escrever sobre o inevitável. Parti disso.

Mas como dar à dramaturgia outra possibilidade, que não a de simplificar a narrativa com conclusões e morais? Desde o início, percebi: isso não me estimula criar. Gosto de assistir dramaturgias bem escritas, afiadas.

Mas escrever não é o mesmo que assistir. Propus, então, a ousadia de encontrar algo mais arriscado. Interessa-me o experimento, sobretudo. No sentido de experimentar o teatro pelas dinâmicas da linguagem. Então, escolhi pensar a temporada sobre a forma de projeto.

Um inteiro a ser vivido de várias maneiras. Dia a dia, no assistir de uma das partes; e no convívio da totalidade das apresentações. Cada dia é único no teatro. Portanto, apenas radicalizei essa característica. Fiz os dias singulares pelo como iniciam e pelos estímulos entregues.

Faltava o meu estímulo. Percebi os materiais estarem nos próprios dias. Voltei à história, para ali encontrar as oito composições. São meio prólogos, meio dispositivos. São específicos e irrepetíveis.

Dessa maneira, a dramaturgia pode ser compreendida em suas duas potências: peça e projeto. Pois o projeto ambiciona ser ele mesmo dramatúrgico, entendendo o espectador como elemento fundamental. Outra característica do teatro, eu sei. Em Inevitável, o espectador está ali para unir as partes, os enigmas que escondi nas palavras e sentidos, enquanto são levados pelos

ecos silenciosos entre os textos, e eu assumo o inconsciente de cada um terminar de escrever a peça comigo.

Acredito na inevitabilidade narrativa que se formula subjetivamente, mesmo em espetáculos mais performativos e abertos. Compreendo o impacto racional que nos leva a encontrar lógica e a tentar explicar, seja o que for. E com essa expectativa, passei a abordar a própria condição oferecida não como limite, e sim potência: sala de espetáculo, palco italiano, caixa cênica, refletores, equipamentos e objetos, maquinária projeção, microfones e caixas, plateia. A busca pela estética do espetáculo, a partir daquilo vivo e real, desdobra a narrativa pela organização estética do imaginário e do sublime. Tornam-se a mesma coisa.

Esse processo elíptico de olhar aos acontecimentos para reconhecer o entorno e, então, voltar ao texto, exigiu-me dar aos monólogos tratamentos próprios e iguais qualidades imaginativas. Ora poéticos ora provocativos, são lembrados enquanto signos, em todas as apresentações, por artimanhas dramatúrgicas. Ecoam em cena, tal como ocorre com os textos. E sempre a partir dos elementos próprios do teatro. Surgem na forma de interferências inexplicáveis de luz, som e fumaça, essas três materialidades extremamente presentes na cena contemporânea, acessadas somente de forma cognitiva. Ver, ouvir, sentir.

V

Contudo, apenas o espectador interessado em desvendar o projeto chegará a tanto. Esse é o jogo: assistir a um espetáculo ou experienciar um projeto artístico em sua complexidade labiríntica?

Os dias não são simples e, obviamente, serão raros os que poderão vivenciar o projeto. Por isso, a importância dessa publicação. Aqui, os oito textos iniciais e seus desdobramentos convidam o espectador a esbarrar nos estímulos de cada dia; a percebê-los em pequenas nuances. Sem imagens do espetáculo, o ensaio fotográfico de Pat Cividanes amplia o imaginário do projeto, pois expande a escrita pelos deslocamentos interpretativos oferecidos às personas. Ou personagens?

Tudo isso evidencia o óbvio: o teatro ser também inevitável. Quando estabelecido o acordo de seus códigos, a linguagem se impõe. E, ao fim, é essencialmente teatro.

Se toda dramaturgia implica na elaboração de uma narrativa, seja qual for, e por ela, o entendimento ou sugestão de uma história, então, talvez, a história de Inevitável seja apenas e somente essa:

*“Nada era como imaginado. Ainda não amanheceu. Não há culpa. Eu não conseguia parar de olhar o céu. Corpos ocupam as ruas. Existe um propósito escondido em tudo. A paisagem desapareceu. É impossível saber se é outono ou primavera.”*

**RUY FILHO**

---





12 DE SETEMBRO

“**N**ADA era como imaginado. A cidade às escuras, apagada, sem qualquer lâmpada acesa, poste, máquina, organização, sentido. Ouvia-se os uivos dos transeuntes como animais libertos. Sem luz, a capital parecia voltar a ser um buraco no meio do país. Eu só queria chegar ao meio de tudo, entender um pouco o movimento que desfez o sonho de uma nova democracia, por um paranoico que tomara o poder para si. Encontrá-la dessa maneira, tornava-me menos parte de meu próprio país. No meio do nada, iluminado pelos carros que se aproximavam e afastavam com evidente prazer em me ignorar, percebi chegar no dia errado. Ou no lugar errado. Isso produzia um tormento: eu precisaria ir mais longe. Talvez atravessar o mar. Pisar a origem de tudo. Olhar para fora e ver o que viram, e assistir o pensamento de quem pensava construir mundos. Na verdade, invadi-los. Levei seis anos para atracar. Antes tivesse voltado de caravela. Frio estranho. Língua estranha. Casas estranhas. E inegavelmente familiares. Até a cidade também escurecer, apagar, sem qualquer lâmpada acesa, poste, máquina, organização, sentido. Ouvia-se os lamentos dos transeuntes como almas em pânico durante um

V

terremoto. Sem luz, a capital parecia voltar a ser um império escondido em um calabouço de escravos. Eu só queria chegar ao início de tudo, entender por que o sonho por uma nova terra gerou aquelas pessoas que tomaram corpos e árvores para si. Encontrá-la dessa maneira, tornava-me menos parte de meu próprio passado. No meio do cais, iluminado por quase nenhum carro, ignorado até pelos pássaros, percebi chegar no dia errado. Outra vez. Ou no lugar errado. Outra vez. Isso me definia: uma espécie de desespero de quem precisaria ir ainda mais longe. Talvez atravessar o mar inteiro, não apenas uma parte. Pisar o antes de tudo. Olhar para fora e ver o existido, e assistir a liturgia de sublimar mundos. Ou substituí-los. Levei outros seis anos. Antes tivesse feito o caminho certo. Dei a volta, fui ao oposto do pretendido. Quente. Muito. Parecia soar francês, mas não só. Bantu, mas não só. Talvez árabe, mas não só. Cercado por colinas, que agora não eram sete e sim mil, eu, as rochas, o lago esperávamos a capital acender. A noite chegou sem qualquer lâmpada, poste, máquina, organização, sentido. Ouvia-se os canhões como se fossem transeuntes. Sem luz, a capital parecia voltar a ser uma ilha ocupada por tribos. Eu só queria chegar ao qualquer, antes de tudo. Antes do reconhecível. No centro desse algo deslocado do centro do mundo, guerreiros surgiam do chão, do fundo, em centenas. Milhares. Iluminavam com os próprios olhos. Mas

V

não me viam. E percebi chegar no dia errado. Ou no lugar errado. Outra 'outra-vez'. Isso me empurrava. Eu precisaria ir ainda muito mais longe. Andar. Caminhar até chegar. E saber, quando chegasse, ser, ali, o sem tempo absoluto. Foram três anos. E o caos. Nem o tempo sobreviveria. Antes tivesse desistido. Eu não era parte de nenhuma de suas partes. A capital sem luz, sem qualquer lâmpada acesa, poste, máquina, sentido. Em uma organização indecifrável. Ouvia-se os mortos que boiavam nos rios. A cidade sucumbia entre bilhões deles. E de outros. Talvez vivos. Não sei mais. Carros sem faróis atropelavam-se na escuridão. Eu só queria alcançar o inatingível. Tornei-me testemunha do impossível. Também os deuses eram bilhões. Talvez vivos. Não arrisco definir. E, assim, percebi chegar no dia errado. Ou no lugar errado. De novo 'outra-outra-vez'. Por isso fugi. Sem pensar. Sem lugar, sem querer nada. Fui sem esperar. Porque não havia mais luz. Tudo era somente escuro. A não ser em uma pequena casa, no canto do fim do último canto mais improvável. Não fui até lá. "



---

**ACONTECIMENTOS**

**1991** – Apagão elétrico em Brasília, Brasil.

**1997** – Apagão elétrico em Lisboa, Portugal.

**2003** – Apagão elétrico em Antananarivo, Madagascar.

**2006** – Apagão elétrico em Mumbai, Índia.



No escuro deixamos de ser nós mesmos.

O que não significa sabermos quem nos tornamos.

Estamos aprisionados pelo desconhecimento absoluto, e nos acostumamos a isso, feito uma normalidade aceitável.

Mesmo se as luzes voltassem, o que revelariam?

Em qual estado seríamos apresentados de volta uns aos outros?

Não existe mais qualquer resquício de razão. Talvez nem mesmo consigamos encontrá-la em nossas memórias.

Apagamos de nós as ideias, os interesses, os encontros, as realidades.

No escuro, o improvável é possível, o inaceitável surge sem pudor, caminhos se transformam em labirintos, encontros dimensionam o medo a algo jamais imaginado.

O mundo escurece ou nós o escurecemos?

Pode ser apenas que reaja. Esconda-se do que nos tornamos. Ou se proteja, enquanto nos esconde.

Não existe razão nessa falta de razão.

Porque passamos a entender somente o que vemos.

E sem ver, sem pensar, sem luz, não temos sequer voltado ao passado.

Vagamos pelas frestas do inviável insistentes por existir, seja como for.

E vocês, aqui, o que esperam de mim, se é apenas isso que faz sentido lhes oferecer agora?



**13 DE SETEMBRO**

“**A**INDA não amanheceu. Não se sabe de onde, ou por quê, mas o som surge outra vez. Um navio soa a buzina. Mas como? A cidade não possui mar. Tem sido assim, há alguns dias. Hoje, tudo é diferente, por causa dele parado ali. Olho pela janela e o rio parece inundar outra vez o mosteiro. Há séculos isso não acontecia. Ou, há séculos, ninguém fala sobre isso. As poucas freiras e padres que restaram esconderam-se pela cidade. O mosteiro está vazio de pessoas de fé. E ele? Ele é um homem de fé? Vazio, ocupado por outros quaisquer, não pode mais ser considerado um mosteiro. O século XVII não existe mais. E isso é ótimo. Não foi uma época fácil. Não devia ser possível viver durante a Inquisição. Prefiro que seja assim. Atrás da minha janela, sinto-me mais seguro sem ser observado por pessoas de fé. Mas essas buzinas, esses navios que não aparecem, assustam-me. E assustam a cidade. Como se voltassem os séculos e as ordens e os perigos e as fogueiras. A cidade se protege pelo silêncio. Não é possível existir um som sem origem, não é natural. Mas o ouvimos, ouço. A buzina é ensurdecadora. Ecoa. Só que não vejo nada. Não existe. Ou sou eu? Ouço o toque como uma onda a atravessar a

V

ponte até fazer vibrar os vidros da janela. Sinto-a tremer o chão, como se um túnel soterrado fosse revelado por debaixo do rio. E isso, há tantos e tantos dias, que quase me acostumei. Por isso não se trata apenas disso. Em algum momento, o navio deverá aparecer. Só pode ser. O que me assusta mesmo, é o homem. Ele me observa, me assiste. Ali, em pé, feito uma espécie de presença espectral, sem passado nem futuro, real apenas o tempo necessário para... Para o quê? O que ele quer? Surge e desaparece sem qualquer motivo. E nunca sei se o verei outra vez. Mas hoje, parece não querer ir. Voltou e voltou e voltou e voltou... E a buzina sempre. E ele de costas. E mesmo assim, sei que é para mim. Está aqui por mim. A cada som, corrige, nas pedras junto ao rio, um número. Está em 4744. Como que contando algo. Mais um passo em minha direção. Hoje chove. O rio está maior. Alarga seu corpo. Invade as ruas próximas. Quero sair, vê-lo de perto, senti-lo. Mas o homem está ali. E o barco soa cada vez mais alto. Depois de horas, passo a duvidar se sou eu quem existe de verdade. Por isso tento desistir. Só que ele sabe disso e, pela primeira vez, se vira para mim. Não sei quem é, não parece daqui. Certamente não é um fantasma. Risca 4745 no chão. Serei eu, esse número? Ele grita em forma de buzina. O rio cospe peças de navios velhos, destruídos, abandonados. A água muda como que enferrujada e tóxica. 4746.

V

4747. Ele acelera. Por que tem pressa? 4748. O rio grita. Ouve-se também o mar gritar há quilômetros daqui. 4749. 4750. O medo faz a cidade deixar de existir. 4751. Eu preciso decidir alguma coisa, só não sei o quê. Preciso agir. Preciso responder. Tento gritar, mas também minha voz surge como som de um navio. Abro as janelas. O rio tomou tudo. Corro para rua e... não há nada? O rio está normal, a cidade está como sempre, as pessoas continuam suas vidas, os sons são os mesmos e comuns. Não entendo. De volta, sem nada mais de estranho, minha casa também é a mesma. Menos as janelas. Nelas, o número 4752, e um bilhete para um passeio de barco.”



---

**ACONTECIMENTOS**

**1996** \_ Estátua em Coimbra emite sons desconhecidos.

**2022** \_ Buzinas de navios escondidas em cidades assustam as pessoas.



Sem o outro perdemos quem somos.

O que não significa sabermos por onde voltar para nos espelharmos.

Estamos aprisionados pela ausência de reflexos, e nos acostumamos a isso, feito uma singularidade aceitável.

Mesmo se nos olhássemos outra vez, quem encontraríamos?

Somos conduzidos pelo desaparecimento, e corremos o risco de vê-lo impor-se definitivo.

Não existe mais qualquer identidade nessa fantasmagoria. Talvez nem mesmo a consciência do próprio desaparecimento sustente a última fagulha de presença.

Eliminamos em nós a dimensão de humanidade, do outro, de ser o outro do outro.

Na solidão, o eu desiste de encontrar ecos de sua realidade, o pensamento se distrai dos pertencimentos, existir se revela apenas continuar silenciosamente.

Pode ser apenas que nos isolemos. Recusemos encontrar quem somos. Ou nos aprisionemos na forma de anulação.

Não existe presença alguma nessa falta de presença.

Porque passamos a reconhecer somente o que nos afirma. Sem passado nem futuro.

Enquanto as pessoas de fé compreenderam e se apropriaram rapidamente disso.

Vagamos pelos vazios de uma identidade manifestada somente na presença do divino, seja o que isso for.

E vocês, aqui, o que esperam de mim, se é apenas isso que faz sentido lhes oferecer agora?



**[ 14 DE SETEMBRO ]**

**“NÃO HÁ CULPA.** Claro. Ninguém é culpado. Nem eu. As coisas apenas acontecem. Porque é normal que aconteçam. A vida é isso, dizem, uma sucessão de acontecimentos aleatórios sem justificativa. Então, tentar explicar uma coisa ou outra não serve para nada. Sim, eu gostaria de entender melhor as coisas. Pois, o que me parece, é as coisas nem sempre possuírem sentido. Se existe algum, é complicado demais para percebê-lo. Para quê entender qualquer coisa, insistem. Coisas são coisas. E tudo pode ser um tipo de coisa. Talvez nada vá além disso mesmo. Não é assim que as próprias coisas se explicam? Mas, então... Por que búfalos bloquearam rodovia e ruas em Nairobi e Pequim, e burros, uma avenida em La Paz? Coincidência? Por que cães selvagens invadiram um supermercado em Moscou, também em um dia 14 de setembro, como este? E cangurus no torneio de tênis em Melbourne? Certo, cangurus na Austrália é mais simples de entender. Mas cavalos selvagens no centro de Paris? E cervos em lojas em Oslo e na cidade de Tóquio? No mesmo dia 14? Eu nem sabia existirem cervos em Tóquio. Também nesse dia, cisnes encheram praças

V

em Viena, enquanto corujas invadiam uma escola em Dublin. Elefantes avançaram sobre uma vila na Tailândia. Também isso é um pouco previsível. Só que o enxame repentino nas ruas de Londres ninguém conseguiu explicar. Em outros dias 14, galos invadiram escolas em Lyon e em São Paulo, já em Cairo foram gatos selvagens. Qual o sentido disso? Imagino sempre haver jacarés nas estradas em Miami, essa não é uma notícia inusitada; ovelhas nas de Edimburgo, ok, tudo bem. Agora, tigres nas ruas de Nova Dehli, junto a milhares de pessoas? Por que alces ocuparam a universidade em Toronto? E como um javali foi parar na estação de metro em Berlim? Ou vacas na praça em Madri? Ou, ainda, por que, em Auckland, patos invadiram lojas? Melhor, por que pinguins invadiram, em Cape Town, um shopping, enquanto no Rio de Janeiro foram à Copacabana? O que tem de especial 14 de setembro? Nesse dia, tartarugas bloquearam o aeroporto de Tóquio. Como é que não viram isso? Será que não deu tempo? Flamingos ocuparam uma estação de trem em Munique. A biblioteca em Nova Iorque ser invadida por ratos, isso é óbvio, mas, a de Londres por pavões? Sim, as coisas acontecem, claro. De muitas formas. Em Lima, em um 14 de setembro, choveu peixe... Abelhas, alces, búfalos, burros, cães selvagens, cangurus, cavalos, cervos, corujas, elefantes, flamingos, galos, gatos, jacarés, javalis, ovelhas, patos, pavões, pinguins, ratos,

V

tartarugas, tigres, vacas. E uma chuva de peixes. Não devemos ter nada a ver com isso. Ninguém tem. São coisas normais. Mas sempre nesse mesmo dia? Por mais de vinte anos, nesse mesmo dia? É a isso que chamam por aleatório? Ou será que fogem? E nós, fugiremos para onde? Estrada, parque, escola, loja, estação de metro? Claro, se for possível fugir. Se um animal precisa fugir, e sou um animal, então fujo para onde? Tenho fugido para dentro de mim, talvez. E em mim, me escondo. E ali fico até sumirem os animais. Sobretudo, os animais outros. Esse tal de humano. Fujo e na minha imaginação vou viver ao lado de tigres e flamingos, diante do pôr-do-sol mais bonito já ocorrido. Porque o mundo, sem o mundo que construí e fiz, é perfeito quando apenas em sua irrealidade. Ninguém precisa de nada mais além de um pouco de irrealidade. Talvez eu fuja para alguma biblioteca. Copacabana me traz certa nostalgia e medo por ser real demais. Talvez eu fuja no próximo dia 14 de setembro. Hoje, as notícias são de um grupo de animais invadirem um teatro em Lisboa.”



---

## ACONTECIMENTOS

- 2012 \_ abelhas, Londres (BBC)
- 2016 \_ búfalos, Nairobi (Daily Nation)
- 2016 \_ cães selvagens, Moscou (The Moscow Times)
- 2016 \_ jacarés, Miami (Miami Herald)
- 2016 \_ ovelhas, Edimburgo (The Scotsman)
- 2016 \_ pinguins, Cape Town (Cape Times)
- 2016 \_ ratos, Nova York (The New York Times)
- 2017\_ búfalos, Pequim (China Daily)
- 2017\_ cisnes, Viena. (Die Presse)
- 2017\_ corujas, Dublin (The Irish Times)
- 2017\_ elefantes, Tailândia (Bankok Posto)
- 2017\_ flamingos, Munique (Süddeutsche Zeitung)
- 2017\_ galos, São Paulo (Folha de S. Paulo)
- 2017\_ patos, Itália (La Repubblica)
- 2017\_ pinguins, Rio de Janeiro (O Globo)
- 2017\_ tartarugas, Tóquio (NHK World)
- 2018 \_ cangurus, Austrália (The Guardian)
- 2018 \_ cervo, Oslo (Aftenposten)
- 2018 \_ gatos selvagens, Cairo (Al-Ahram)
- 2018 \_ tigres, Nova Delhi (The Hindu)
- 2018 \_ vacas, Madri (El País)
- 2019\_ alces, Toronto (The Globe and Mail)
- 2019\_ cavalos, Paris (Le Monde)
- 2019\_ galos, Atenas (Kathimerini)
- 2019\_ galos, Lyon (Le Figaro)
- 2019\_ patos, Auckland (New Zealand Herald)
- 2019\_ raposas, Londres (Evening Standard)
- 2020\_ burros, La Paz (La Razón)
- 2020\_ cervos, Tóquio (The Japan Times)
- 2020\_ javali, Berlim (Der Tagesspiegel)
- 2020\_ pavões, Londres (The Guardian)



Alguns animais são levados a fugir.

Outros, são extintos.

O que não significa sabermos o tipo de animal que somos.

Estamos aprisionados pela incapacidade de deixar de provocar dor e morte, e nos acostumamos a isso, feito uma necessidade aceitável.

Mesmo se interrompêssemos os genocídios das espécies, quem seríamos?

Em quais limites conseguiríamos sobreviver?

Não existe mais qualquer pudor na dominação.

Talvez nem mesmo consigamos superar a devoração de outros corpos.

Viciamos, em nós, o sabor do sangue, da domesticação, da apropriação.

Nesse instante, o animal humano provoca sua violência com prazer incompreensível.

Aceitaríamos pertencermos a algo, um animal entre tantos outros?

Os animais nos aceitariam de volta? Ou assistiriam com prazer nosso extermínio?

Pode ser apenas que esperem. Preparem-se para nos devorar. Ou se protejam, aguardando nos tornarmos canibais.

Não existe limite algum nessa falta de limite.

Porque passamos a considerar somente o que controlamos. Sem controle, as coisas, todas elas, não são úteis. E o não útil, não merece ser tratado como alguém.

Vagamos pelos absurdos de uma ideia que nos separa e aprisiona na deformidade de uma superioridade, seja o que isso for.

E vocês, aqui, o que esperam de mim, se é apenas isso que faz sentido lhes oferecer agora?



[ 15 DE SETEMBRO ]

**“E**U NÃO CONSEGUIA parar de olhar o céu. Lembrava-me você. Sentado junto à fresta da janela, esperava a chuva chegar.

Não entendo tanto de nuvens. Sei apenas o que me ensinou, e, confesso, nunca fui dedicado em prestar atenção. Ouvia, pois percebia o quanto elas te deixavam feliz. Lembrei do que me explicou\_ essas eram feitas de cristais de gelo, e não gotas d'água. Hipnotizei-me tentando reconhecer algum minúsculo diamante na vastidão do céu. Não sei se estava certo. Não encontrei nada, apenas nuvens. Espalhadas para qualquer lado que olhasse. E tanto calor, isso fazia sentido? Com nuvens, sempre é sinal de chuva, você repetia, com certa impaciência. Cirrus, não, corrigia, elas se chamam Stratus. Perdi as horas esperando assistir o choque entre o ar quente e o frio. Até que desceram. Naquela tarde, eram muitas. Realmente muitas. Pensei em te chamar, mas você dormia. Devia ter te chamado. Vieram mais perto. E desceram mais. Esconderam o topo dos edifícios, depois as copas das árvores, os telhados das casas, a paisagem, a visão. E encostaram no chão. Se era assustador, e era, também era lindo. Corri a você. Outras mais entraram, e, não sei por que, não quis impedi-las. Por um segundo, ainda te

V

vi dormir, quando as nuvens entraram. Uma tristeza imediata tomou conta do meu corpo. E não mais te vi. Pode ser que, sem pensar, guardasse alguma esperança de me devolverem você. Onde está? Para onde foi? Aos poucos, sem pressa e culpa, tornaram-se uma massa de névoa. Nos dias seguintes, precisei aceitar elas comigo. O céu estava vazio, quase dava para ver o infinito. Ou, ao menos, permitia ao infinito ver as montanhas aqui. Os dias passaram, como se isso fosse o mesmo de sempre. Eu na frente da televisão, e as nuvens entre a imagem e as cores. Eu no banho, e elas misturadas ao vapor. Eu na cama, já sem saber quando os sonhos eram sonhos, e elas a me suspenderem, ou eu sonhar que me levantavam. As nuvens caminhavam entre os espaços e cômodos com a naturalidade de quem conhecia bem a casa. Mas pareciam mesmo procurarem você. Não se interessavam por mim, essa era a verdade. Conviviam comigo por falta de opção. Foi quando se cansaram. Irritadas, ventaram, derrubaram coisas, empurravam-me. E depois de outros dias mais, choveram. E muito. Alagavam-me. Tinham gosto de sal. O que eu podia fazer? Só quando me desesperei, pararam. Não saíram, apenas estacionaram assustadas, e tocaram de leve meu rosto, com brisas tão suaves que me acalmei. Eu queria abraçá-las, mas isso era impossível. Queria abraçar você, mas não havia você. Não como eu

V

me lembrava. Demorei para entender. A tristeza se tornou saudade, e a saudade, imaginação. Passei a acreditar na imagem que criei. Deixei o mundo do lado de fora para ficarmos só nós, aqui, ou com esse você que penso ser você. Então, achei uma forma de te abraçar, projetando sobre você nossas memórias. E sua resposta foi a mais bela. Não me mostrou os cristais, nem derramou qualquer gota de chuva. Você ventou flores. Tantas, que a casa foi preenchida até sair pelas janelas e portas. Tantas, que o ar de fora não era mais o mesmo. Tantas, que, não sei quando, brotei em meu corpo uma pequena nuvem. Até que você se dissipou e outra vez sumiu. Novamente sozinho. Então você surgiu do quarto. Encontrou-me diante a janela com um café em mãos. Perguntou-me por que eu estava molhado e cheirava a flores. Apontei-lhe o horizonte em silêncio. Ah, que incrível, você disse, é uma das minhas preferidas. Tudo parecia normal. Obviamente, tudo estava normal. Apesar de você não tocar mais o chão com os pés.”



---

**ACONTECIMENTOS**

**1999** \_ Neblina repentina em Londres.

**2005** \_ Névoa repentina em Nova York.

**2019** \_ Névoa repentina em São Paulo.

**2001** \_ Flores decorativas se soltam e sobrevoam as pessoas na Índia.



O tempo nos convida à contemplação.

O que não significa sabermos lidar com a pausa.  
Estamos aprisionados pela velocidade absoluta,  
e nos acostumamos a isso, feito uma existência  
aceitável.

Mas e se desacelerássemos, o que alcançaríamos?  
Em qual estado passaríamos a olhar os céus, as  
chuvas, as flores?

Mesmo que só por um instante, quem nos  
tornaríamos?

Existe outras possibilidades. Talvez nem mesmo  
consigamos percebê-las agora.

Porque não damos chances para sentirmos  
saudades, a espera, as sensações silenciosas que nos  
provocam sorrir.

A suavidade também pode ser uma resistência, uma  
forma íntima de reação e transformação das coisas.

Podemos apenas ser e esperar. Convidar pelo  
síncrono. E compreender a potência dos abraços.

Existe muita ação na aparente falta de ação.

Porque passamos a propor mais do que somente  
respostas. Perguntamos, e com isso unimos  
vontades, e nelas percebermos o comum.

Seguimos pelas belezas das utopias possíveis, seja  
o que isso for.

E vocês, aqui, o que esperam de mim, se é apenas  
isso que faz sentido lhes oferecer agora?





19 DE SETEMBRO

“**CORPOS** ocupam as ruas. Espalham-se. Espelham-se. Observam o surgimento de outra ordem.

Enquanto esperam que ela se torne natural. Acreditam nisso. Ou, ao menos, preferem que seja isso. Mas surgir não é o mesmo que nascer. E, na verdade, essa outra possibilidade de ordem, surge. Ninguém sabe se sobreviverá. Importa saber? Talvez. Antes de chegarem a qualquer futuro, é preciso acreditar. Como, se se impõe um absoluto estado de tensão? Esperamos demais. Gerações demais. E porque agimos, o ódio brota como possibilidade. Toma ruas, praças, vielas, pontes, vãos, subterrâneos, intervalos. E vontades. Odiar ajuda-nos a dar concretude a essa outra ordem pelo impacto trazido ao pararmos de pensar. De pensar em como explicar. De pensar em como explicar o absurdo. De pensar em como explicar o absurdo inexplicável. De pensar em como explicar o absurdo inexplicável implacável. Já não sei mais. O impossível viável de antes perde sua certeza. Os protestos continuam, crescem. Tornam-se incalculáveis. Tudo é risco e perigoso. Qual a menor dimensão de uma bomba? Será isso exagero? Excessivo? As latas

V

de lixos acostumam-se, passam a se incendiar sozinhas. Também os carros. Os bancos. Os presídios. Até que os corpos deixam de estar nas ruas, e tudo cessa, impõe-se sob a forma de silêncio. Ainda existem por aí? Ou queimaram? Ou foram queimados? Como alguns sempre foram e continuam a ser. Sou dominado por essa ausência. Passo a escrever cartas. Contudo, não tenho tantos amigos. Elas voltam e, empilhadas, constroem uma nova espécie de corpo, um outro alguém. Escrevo mais. Também não tenho inimigos o suficientes. Por isso são devolvidas. Não existe qualquer pessoa interessada em mim. Escrevo cartas às árvores, depois pequenos roedores, filhotes fofos de animais exóticos. Minhas cartas espalham-se. Espelham-se. Cobrem o asfalto. Recusam participar da elaboração de outra ordem, enquanto sonham ser algo mais. Envio cartas aos rios, aos ventos, aos desesperos. Quase não há mais a quem escrever. Então encontro uma última maneira. Faço caberem as bombas, inclusive nos menores envelopes. Nada existe que não seja inimigo. Deixei de crer. Tornei-me apenas vastidão e fúria. A morte serve de manifesto de reparação. As cartas entenderam isso. Sem que eu perceba, passam a se multiplicar sozinhas, feitas de exemplos a si mesmas, chegando, assim, a todos, a tudo. Então, ocorre o brilho. A explosão mais violenta. O céu tomado pelas chamas. Os

V

[ 19 de Setembro ]

pedaços incandescentes do zeppelin chovendo  
aço e fogo. Os corpos ardem, enfim. Eu ardo.  
O chão aceso em brasa, definitivamente. E uma  
outra ordem. Não a aguardada. Agora, feita sem  
destino, sem controle, sem esperança, sem sequer  
a presença de Deus. E isso é bom.

>

---

**ACONTECIMENTOS**

**1908** – Zeppelin destruído por tempestade.

**1995** – Terrorista espalha cartas-bombas.

**2010** – Repercute pelo mundo o debate público sobre a existência de Deus.

**2011** – Manifestação Occupy Wall Street contra a desigualdade econômica.

**2013** – Manifestação Black Lives Matter contra violência policial.



Tudo queima. E o brilho é fascinante.  
Ruas preenchidas por ódio contra uma ordem que não serve mais.  
Desistimos de reagir sem perigo, e nos encantamos com isso. Feito uma insurgência natural.  
Mesmo se parássemos, o que conquistaríamos?  
Em qual condição existiríamos uns aos outros?  
Nesse estado definitivo de tensão restam poucas possibilidades. Talvez nem mesmo consigamos mais ser de outra maneira.  
Acendemos em nós novas ideias, interesses, revoltas e a vontade de destruir a realidade.  
Nas ruas, o absurdo é absoluto, o inexplicável se justifica, o implacável é a única maneira de agir.  
A civilização acabou ou nós a destruímos?  
Pode ser apenas de resposta. Revele o que nos tornamos. Ou se projeta, enquanto nos expõe.  
Não existe ordem alguma nessa falta de ordem.  
Porque passamos a queimar o todo. E no inteiro, os restos se tornam lixo em recusa final do próprio instante.  
Ocupamos as frestas do invisível insurgentes ao como existir, seja como for.  
E vocês, aqui, o que esperam de mim, se é apenas isso que faz sentido lhes oferecer agora?



**E 20 DE SETEMBRO I**

**“EXISTE** um propósito escondido em tudo. Demorei para perceber isso. Em nossos gestos, em nossas escolhas, em nossas maneiras de lidarmos uns com os outros. Ela realmente me irritava. Sua empáfia, sua suposta inteligência, suas ousadias em querer algo mais, sempre para mostrar meu limites, meu tamanho, minha insignificância. Odiava aquilo. Por isso, decidi agir. Mas começar por onde? Era preciso deixar evidente minha oposição. Tinha de ser grande. Todos deveriam saber. De outra forma, de nada valeria correr tanto risco. Afinal, as consequências seriam incontroláveis. Problema dela. Quero revelar sua banalidade e sua falsa importância. Foi isso que me levou ao museu. Com o coração a explodir de medo e ansiedade, por sorte me deparei com um grupo insuportável de crianças. Passei pelos guardas sem chamar atenção e fui direto iniciar minha vingança. Aquele sorriso idiota, em um quadro minúsculo, e as pessoas enlouquecidas, sem nem perceber nada do que nele havia. Era isso que me esgotava. Tirei rapidamente o vidro do bolso, destampeei e, por azar, acertei o ácido apenas na parte inferior do quadro. Ela pode ter resistido à minha tentativa, mas desde então, vandalismos

V

passaram a ser manifestos. Quando todos se esqueceram de mim, enquanto sucumbiam ao poder de adorar ícones e obras e nomes e marcas, deixei as minhas na escultura da Virgem com filho morto nos braços. Foi um sucesso. Por que ele odeia arte? Ninguém ousava tentar responder. E eu me divertia cada vez mais. Precisava de outro monstro sagrado. Não podia dar muito tempo para que se recuperassem. Apertei o spray de tinta sobre o quadro do cara sem orelha, com uma alegria indescritível. Comecei a me sentir imparável. Mas as coisas seguiam iguais. Meus ataques tornavam as obras ainda mais visitadas. Assim, mudei de estratégia. Passei a pintar como eles. Vendi os quadros em leilões milionários, destruindo por dentro o mercado que fazia a arte ser arte. Só que também passaram a ocupar paredes e ter seus públicos, e a serem... enfim. Minhas tentativas fracassavam uma após a outra. Seguia certo de que a arte deveria deixar de existir. Mas como? Só se sumissem. Sim, se sumissem... ! Primeiro roubei uma tela, depois outra, mais uma, até levar ícones do Museu de Arte Moderna. E segui assim, fazendo-os desaparecer, esvaziando as salas. Museus tornaram-se espaços em branco. Ainda existem em livros. Mas quem se interessa por livros? Também restam em fotografias e selfs. E quem revisita suas milhões de fotos? A arte estava por um fio. Vazias, as exposições tornavam-se Disneylândia. Espaços interativos

V

desesperados por carentes visitantes interessados em ambientes instagramáveis. O mundo, sem perceber, seguiu os meus passos. Agora, todos se vingavam da arte. Enfim, eu poderia descansar. Até ver a criança que, prostrada sobre os joelhos, costurava à máquina pequenas bandeiras. Em preto e branco. Como nunca tinha visto. Não estava ali para seduzir ou ser inteligente. Gritava em forma de grafite. E me vicie em procurar outros. Muros, quadros, pontes, tuneis, banheiros. Surgem em qualquer lugar, sem aviso. Sempre com seu grito silencioso. Passei a fotografar e guardar as fotos. Passei a fazer selfs. E ir às exposições com suas obras. Até as interativas. A ficar por horas diante suas ideias. Maldito. Ele se vingava da minha vingança. Tornou-me apaixonado por sua arte. Fez-me ser o que mais detesto. Por isso preciso voltar a agir. Mas ninguém o conhece ou viu, não se sabe onde mora, com quem anda, onde está. Preciso de tempo para descobrir algo, para descobri-lo. Não há outra maneira. Destruir os grafites ou falsificá-los não farão qualquer diferença. Dessa vez, terei de matá-lo, antes que a arte me mate, com esse insuportável desejo, que passou a me provocar, de viver e sentir. E que só piora. É horrível. Passei até a ir ao teatro.”



---

**ACONTECIMENTOS**

**1956** – Mona Lisa vandalizada com ácido.

**1972** – Pietà danificada por marteladas.

**1977** – Pintura de Van Gogh atacada com tinta spray.

**1995** – Obras falsas leiloadas em Tóquio.

**2010** – Roubo de obras no Museu de Arte Moderna de Paris.

**2012** – Surge uma nova obra de Banksy em Londres.



Nada importa, quando só interessa a diversão.  
O que não significa sabermos porque precisamos tanto disso.

Estamos aprisionados pelo entretenimento absoluto, e nos acostumamos a isso, feito uma necessidade aceitável.

Mesmo se voltássemos a nos sensibilizar, o que sentiríamos?

Por quais afetos seríamos revelados de volta uns aos outros?

Não existe mais qualquer interesse em imaginar. Talvez nem mais consigamos fazê-lo sem sermos literais demais.

Afastamos de nós as experiências estéticas inesperadas e suas consequências.

A banalidade tornou-se princípio, o importante é insignificante, os propósitos imediatos.

A arte acabou ou foi o seu sentido?

Pode ser apenas que se adapte. Aceite nossa condição alienada e preguiçosa. Ou se proteja, enquanto nos ridiculariza.

Não existe ousadia nessa falta de ousadia.

Porque passamos a ignorar qualquer manifestação que não nos afirme. E na afirmação, replicados, idênticos, não somos confrontados a sentir nada além do que queremos.

Desviamos das frestas do sensível distraídos ao reinvento, seja como for.

E vocês, aqui, o que esperam de mim, se é apenas isso que faz sentido lhes oferecer agora?

**21 DE SETEMBRO**



“ **A PAISAGEM** desapareceu. A nossa paisagem. Não a enxergo mais. E isso é como se a nossa história deixasse de existir. Porque foi de frente ao oceano, que te olhei pela primeira vez. Você sorria, enquanto brincava com a água, tentando não se molhar. Mas não dava certo. Por isso, ria. Infantilmente. Docemente. Era um encontro apenas meu. Você não me via. Voltei durante dias para te encontrar, e, eu sei, continuou a não me ver. Tudo bem. Te assistir, preenchia-me. Meus dias passaram a ser guardá-la pela lembrança dos seus momentos mais simples. Em você, o simples manifestava-se na forma de uma poesia arrebatadora, sincera demais, unicamente sua. E porque nunca se preocupava em se corrigir ou se proteger. Aos poucos, a paisagem tornou-se seu segundo corpo. Quando não estava, o mar que me levava ao horizonte, era, então, você para mim. Os movimentos das ondas, o rolar da espuma, a areia mexida. Quando você nunca mais veio, a paisagem era o seu completo. Supri minha saudade cobrindo meus pés com o mar. Era como se enfim nos tocássemos. Não dormi naquela noite. Não queria correr o risco de sonhar com outra coisa. Esperava te ver outra vez, te sentir, te

V

ter, ser teu e sermos. Sem identificar nada, como se pudéssemos só sermos. Mas não. A paisagem era outra. Não existia. Sumiu. Flutuava sobre seu corpo um continente de plásticos, restos e horror. Ao fundo, montanhas e vales; talvez países inteiros feitos de lixo. Nadei e tentei ultrapassar aquele mundo inabitável, podre, fétido. Impossível. Talvez, agora, só restasse isso. E do nosso mundo sobram eu e o você que permeava minhas lembranças. Adormeci na areia até ser acordado pelo sol frio de setembro. Desistir ou tentar? Precisei de algumas horas. E mergulhei. Desci até não mais perceber o continente que boiava, assistindo as bolhas baterem nos plásticos como se fossem rochedos. Desci mais. Até não mais ter a luz do dia. E mais, até esgotar o ar. E, de repente, deixei de precisar respirar. Nadei ao mais fundo do impensável, por entre peixes, raias, corais. E mesmo eles acabaram. Ao encostar os pés no chão daquele infinito, notei algo. Havia uma biblioteca decorada por algas e planctos, protegida por seres fluorescentes, e pergaminhos. Milhares de rolos enfileirados. Eu não sabia ler suas identificações. Não conhecia aqueles idiomas. Apenas um\_ o que trazia meu nome. Puxei-o, a ordem se desfez, os pergaminhos se separaram e foram levados pelo profundo. Faz alguns dias que estou aqui sem coragem de abri-lo. Por que alguém sabia meu nome? "Não fuja", diz, "sempre estarei perto. Eu sempre te vi. Sempre deixei o mar me

V

molhar, pois era evidente que isso te fazia feliz. Você não sabe, mas você também sorria. E eu adorava. Neste instante, o mar está próximo de morrer. Não consigo assistir isso, então precisei ir embora. Mas quero que saiba uma última coisa\_ hoje, não mais corpo-água, sou um sentimento ainda a ser descoberto. Um estado ainda inexistente. E que nascerá em você. Espalhe-me. Sem mar, precisaremos inventar novas maneiras de encontrar o horizonte. Feche os olhos. Eu te encontrarei assim". E o faço. Enquanto ouço o continente de lixo avançar violentamente sobre a praia. E de olhos fechado, sinto. Tudo. Profundamente tudo. Um tudo novo. Um tudo, sem nome, impossível de explicar."



---

**ACONTECIMENTOS**

**2009** \_ Aparecimento de ilha de detritos, Buenos Aires.

**2010** \_ Descoberta de biblioteca subaquática, Israel.



Renunciamos às paisagens.

O que não significa sabermos o que colocaremos em seu lugar.

Estamos aprisionados pelo consumo absoluto, e nos acostumamos a isso, feito uma condição aceitável.

Mesmo se interrompermos agora, o que restará? Em qual condição encontraremos a realidade que impusermos uns aos outros?

Não existe mais qualquer resquício de sobrevivência possível. Talvez nem consigamos provocar a menor reação a isso.

Destruímos do mundo sua história, seu percurso, suas possibilidades.

No inabitável, viver deixou de ser natural, o desaparecimento inicia sua contagem regressiva, apodrecemos feitos restos de nossas próprias escolhas.

A natureza ataca ou somos nós quem a atacamos? Reage. Expõe violentamente nossos abusos. Projeta de volta nosso suicídio.

Não existe inteligência nessa falta de inteligência. Porque passamos a absorver tudo ao nosso redor. E no uso desmedido, no acreditar no infinito das coisas, não temos respostas ao passado.

Recusamos as frestas dos avisos certos de nossas ilusões, seja como for.

E vocês, aqui, o que esperam de mim, se é apenas isso que faz sentido lhes oferecer agora?



**I 22 DE SETEMBRO I**

“É impossível saber se é outono ou primavera. Em qualquer outro lugar, isso seria evidente. Mas não aqui.

Nesse ponto exato, perfeito, estamos tanto de um lado quanto do outro, por isso acontecem os dois. Folhas caem e aparecem sem contradições. As ruas amareladas somam-se às árvores em seus verdes, suas cores. E a sensação é de nunca haver outro momento, somente esse. Nem antes, nem amanhã. Por isso escolhi permanecer. Em que outro lugar poderia te esperar? Ano após ano, enquanto as coisas se moviam, o tempo parecia não se preocupar comigo. Não sabia se ele desistiu e me abandonou, ou se apenas me observa. Não tentei descobrir. Preferi esperar. Aguardei em estado de latência, certo de um dia voltar a te ver. Perambulava pelas noites, pelos entardeceres, retornando sempre aos nossos esconderijos. Menos um. Aquele em que nos perdemos. Tinha certeza, você nunca mais gostaria de entrar naquele calabouço. Passei a escrever poemas e espalhá-los, na esperança de que os percebesse, e no interesse descobrisse serem meus. Era uma ilusão, eu sei. Você nunca me viu escrever poemas. Eu os escondia, queria ver encontrá-los. Sua surpresa, seu encantamento.

V

Não deixaram. Te levaram. E me levaram. E nunca aconteceu. Mesmo assim, escrevi. Porque é o que me restava, e o que podia fazer por nós. Porque sentir sua falta era pouco. E porque o pouco faz da saudade uma lembrança que se esvai. Em cada verso, criava um caminho feito de sonhos. Te esperava nos meus próprios sonhos. E, assim, insistia no sonho da espera, com quem se ilude em controlar os sentimentos ou de ser capaz de dominar as lembranças. Os poemas se soltavam feito folhas, voavam pela cidade e amarelavam. E ninguém tinha coragem de recolhê-los. Não faziam isso por mim. Não sabiam que eram meus. Deixavam onde estavam para acreditarem em algo, e, assim, resistirem deles mesmos desaparecerem. Aos poucos, passaram a ser envolver mais. Protegiam as palavras cuidando do que diziam uns aos outros, usavam meus versos como verbos e seus sentidos como esperanças. A cidade estava preenchida de nós. Tornamo-nos sua alma. E se espalhou. Alegrou outras. Também nelas as pessoas passaram a escrever e recitar poemas, distribuíram rimas pelas ruas, ensinavam as crianças a serem belas. Enquanto sobrava em mim uma felicidade triste de ver as coisas tentarem ser diferentes. Porque faltava você. Sei que gostaria de assistir o mundo assim. Meu corpo passou a ser outro. Sabia que isso chegaria. Não poderia enganar o tempo

V

até o fim. Escrevia, mas já não era o suficiente. Até hoje. Pela primeira vez, não soube escrever. E essa ausência fez a cidade acordar de sua ilusão. Foi quando as luzes se apagaram, e vi o brilho de velas. Muitas. Por todas as ruas. Em todas as casas. Junto a cada árvore e flor. Os poemas recolhidos eram sussurrados em uníssonos, formando uma canção jamais criada. Eu não sei como você surgiu. Não vou perguntar. Antes de eu falar qualquer coisa, você se senta. Conta-me o que viu e ouviu nesses anos. Mostra nossa foto, quase sem imagem. Revela sua história pulando alguns segredos. Diverte-se em fingir enconder outros. E se deita em meu ombro, como se fosse nosso primeiro encontro. E era. Porque sempre é. Quando a manhã chega, você canta enquanto preparo o café. E foi assim, sem saber de nada, que nos vimos jovens outra vez. Como se nunca tivéssemos sido separados. Como se o tempo nos perdoasse e se arrependesse do que nos tirou. Riscado na janela, um poema seu. Não sabia que você escreve poemas. Apenas esse, você diz, mas é segredo. Só um verso? Sim, para que ter pressa... E riu. Como ria, quando era jovem, nos dias em que íamos brincar à beira-mar.



---

**ACONTECIMENTOS**

**1969** – Pessoas recitam poemas  
à luz de velas pelas ruas, em Arles.

**1981** – Casal separado pela Segunda  
Guerra se casa após 60 anos.

**2010** – Poesias anônimas são  
espalhadas por Londres.

Equinócio de Outono no hemisfério  
Norte e de Primavera no Sul.



Sonhar abre possibilidades de existirmos diferentes. O que não significa sabermos como queremos ser. Estamos aprisionados pela objetividade absoluta, e nos acostumamos a isso, feito uma qualidade aceitável.

Mas e se nos permitíssemos ir além do provável, o que encontraríamos?

Em qual estado nos perceberíamos quando exposto sujeitos poéticos?

Mesmo sem plena consciência, quem nos revelaríamos?

Existe sempre possibilidades. Talvez nem mesmo consigamos traduzi-las para servirem a alguma utilidade

Porque deixamos de permitir aos sonhos serem realidades maiores que a vida, e neles encontrarmos as sensações de um estado poético livre e emocional.

O poético é fundamentalmente a resistência possível, uma forma pública de ação e reinvenção das coisas. Podemos mais do que apenas ser e tentar. Podemos construir o impensável. E nele encontrarmos outras maneira de nos percebermos.

Existe muita realidade nas entrelinhas do poético. Porque passamos a sentir mais do que o conhecido e decifrado. Encontramos caminhos novos, e com isso conduzimos o comum ao extraordinário. Seguimos pelas belezas das poesias ainda a serem inventadas, seja o que isso for.

E vocês, aqui, o que esperam de mim, se é apenas isso que faz sentido lhes oferecer agora?



**E**u andava. Lá, no mesmo lugar de sempre. Não havia nada estranho. Não o suficiente para chamar minha atenção. Eu nem pretendia ir até o final, como faço em dias mais nublado, porque o dia estava insuportável; o ar, intragável. Já fazia uns dez ou quinze minutos. Encontrei algumas pessoas, não conhecia ninguém. Por um tempo, acreditei que chegaria, e aí faria o que precisava fazer, como todo dia eu faço. Como você também faz. Sábados são dias estranhos. Sempre penso isso enquanto caminho. E como não havia nada de estranho, apenas fui. O mesmo caminho, a mesma rotina, o mesmo tédio. Só que não cheguei. Quando tudo parecia que iria acontecer, eu precisei voltar. Guardei minhas coisas, juntei o que tinha levado, e perdi um objeto ou outro. Quem sabe um dia, consigo encontrar o que perdi. Ou, nessa loucura que virou tudo do avesso, ele me encontra. Pela primeira vez, não fiz o que precisava fazer. E você sabe o quanto isso torna o resto mais perigoso. Percebi, na volta, que muitos outros voltavam. Parecia que as ruas não tinham dois lados. As pessoas vinham pela mesma direção. Mas não fugiam. Não era isso. Voltavam. Diante do que poderia acontecer, a verdade é que eu precisaria recomeçar. Eu e muitos outros mais. De qual ponto? Começar por onde? E para quê? O que eu queria mesmo era ver tudo desmoronar de forma irrecuperável. Seria delicioso ver os desabamentos, os desesperos, o fim surgir. Que se foda, porra. Eu ria. E como as pessoas também riam, principalmente quando cruzavam umas com as outras, acho que essa não era uma vontade apenas minha. Aconteceu? Agora? Sei lá. Não sei. Mas realmente pode acontecer.



Eu voltei, andando. Lá, no mesmo lugar de quase sempre. Havia uma sensação estranha. Não o suficiente para prender minha atenção. Eu pretendia ir até o final, como faço em dias mais nublado, mesmo com o dia ainda mais insuportável; o ar, desgraçado. Já fazia uns quinze ou vinte minutos. Encontrei muitas pessoas, reconhecia algumas. Por um tempo, duvidei se chegaria, e aí faria apenas o que que fosse possível fazer, como tem sido desde então. Você também faz isso. Domingos são dias horríveis. Sempre penso isso enquanto caminho. E como é só uma sensação estranha, me obriguei e fui. Quase o mesmo caminho, quase a mesma rotina, o mesmo tédio. Só que também não cheguei. Quando tudo parecia que realmente iria acontecer, eu precisei voltar. Guardei minhas coisas, juntei o que tinha encontrado, e perdi um objeto ou outro. Quem sabe um dia, consigo encontrar o que perdi. Ou, nessa loucura que virou tudo para o avesso, eles me encontram. Pela segunda vez, não fiz o que precisava fazer. E você sabe o quanto isso torna o resto muito muito perigoso. Percebi, na volta, que tantos outros mais voltavam. Parecia que as ruas e calçadas não tinham dois lados. As pessoas vinham de qualquer direção. Mas não fugiam. Não era apenas isso. Voltavam. Diante do que parecia acontecer, a verdade é que também eu deveria recomeçar. Eu e muitos outros mais. De qual ponto? Começar por onde? E para quê? O que eu queria mesmo era ajudar a tudo desmoronar de forma irrecuperável. Seria delicioso provocar os desabamentos, os desesperos, o fim surgir. Que se foda, porra. Caralho Eu ria alto. E como as pessoas também riam alto, principalmente quando esbarravam umas nas outras, acho que essa não era uma vontade apenas minha. Aconteceu? Agora? Sei lá. Não sei. Mas realmente irá acontecer.



Eu voltei de novo, andando. Ali, um lugar completamente desconhecido. Havia algo estranho. O suficiente para roubar minha atenção. Eu queria ir até o final, como faço em dias mais nublado, mesmo com o dia incredivelmente ainda mais insuportável; o ar, inabitável. Já fazia uns vinte ou vinte e dois minutos. Encontrei uma multidão, reconhecia diversas pessoas. Por um tempo, pareceu impossível que chegaria, e aí não faria nada, nem o que fosse possível fazer, como passou a ser, desde então. Você também já faz isso? Segundas-feiras são dias tenebrosos. Sempre penso isso enquanto caminho. Mas como era algo estranho, me obriguei a tentar mesmo assim e fui. Outro caminho, quase a mesma rotina, o mesmo tédio. Só que também não cheguei. Quando tudo aconteceu, eu precisei voltar. Guardei minhas coisas, juntei o que peguei da multidão, e perdi um objeto ou muitos. Quem sabe um dia, consigo encontrar o que perdi. Ou, nessa loucura que definiu tudo como avesso, eles me encontram. Pela terceira vez, não fiz o que precisava fazer. E você sabe o quanto isso torna o resto muito muito muito perigoso. Percebi, na volta, que quase todos voltavam. Parecia que as ruas e calçadas não tinham donos. As pessoas vinham de qualquer maneira. Mas não fugiam. Não era tudo isso. Voltavam. Diante do que aconteceu, a verdade é que eu deveria recomeçar. Pelo menos eu, e danem-se os outros. De qual ponto? Começar por onde? E para quê? O que eu queria mesmo era ser a causa para tudo desmoronar de forma irreversível. Seria delicioso conduzir os desabamentos, os desesperos, o fim. Que se foda, porra. Caralho. Puta que pariu. Eu

V

gargalhava. E como as pessoas também gargalhavam,  
principalmente quando trombavam umas com as outras,  
essa certamente não era uma vontade apenas minha...

... Aconteceu.  
E aconteceu agora.  
E agora?  
Sei lá.  
Não sei.  
Mas realmente aconteceu.





“**P**ensei em dizer algo maior do que eu. Mas não consegui. Escrevi essa carta para não me perder, porque as palavras... E talvez esse seja o primeiro aspecto do meu erro. Faltou me perder, perdemo-nos. Aceitar nem tudo precisar ter sentido para ocorrer. Aconteceu, e pronto. E então? Talvez o nada. Talvez apenas isso mesmo. E quem disse isso ser ruim? Quem disse o explicado, o traduzido, o simples serem o melhor a ser feito por nós? Quem determinou o fácil como a saída que precisamos? Prefiro os riscos de estar próximo aos abismos do que aos esconderijos seguros a me protegerem. De quem, de outros ou de mim? Poderia dizer: não sei. Isso simplificaria as coisas, e voltaria para essa tal normalidade das coisas, e as coisas seriam o que precisam ser, e tudo seria melhor. No entanto, eu sei a resposta. Só não sei como dizer. Pois ao falar, veste-se o dizer com uma verdade inabalável, e sua presença se impõe definitiva. Protejo-me de quem não quero ser. E todos fazemos isso. Mas, protejo-me, sobretudo, daquele que já sou. E me assusto. E me disfarço. E me recuso. E me destruo como

V

única possibilidade de sobreviver ao que me faço.  
Mas essa carta não é para ser sobre mim. Prefiro me esquecer e deixar isso resolvido.

Hoje, ao te esperar, vi, no instante em que chegou, outra forma de encantamento. Aconteceu você. Por um momento, pude sentir o futuro sem precisar voltar. Não sei como. Gostaria de explicar, mas essa sensação ainda não foi descrita, não está nomeada, ainda precisa ser compreendida. O futuro como estado não é o mesmo futuro que imaginamos. Não se pode vê-lo; os olhos são viciados em soluções. É preciso senti-lo sem o tempo, sem ser algo, sem dele queremos algo. Por isso não é uma condição. Ou pode até ser, se compreendermos como as condições são construções aleatórias de nossas imaginações. Senti o futuro como quem abraça uma nuvem e dela recebe a chuva em forma de encontro. Senti o futuro como quem, no escuro, fecha os olhos para ver mais. Senti o futuro como que se torna as asas em voo de uma ave em extinção. Senti o futuro como quem mergulha o oceano respirando suas memórias. Senti o futuro como que planta poemas que crescem árvores de afetos. Senti o futuro como quem inventa outra ordem de existir ao mundo. Senti o futuro como quem navega as ruas feito um som improvável. Senti o futuro como quem inventa algo que quer apenas se fazer sentir.



E por isso, essa carta. Pois entendi. Não sei como, de repente, entendi. Nada além aconteceu. Apenas, aconteceu. E aconteceu porque quis acontecer. E quis, por ser sua maneira de se provocar sentir e, então, ir ao futuro, ali, em espera, no canto mais improvável do último canto. Ou do primeiro. Porque é onde tudo recomeça e reafirma. E pode ser invento. E novo. Ou apenas outro. Ou nada disso e muito mais, o sentimento único de um sentir inexplicável. Sem janelas e bilhetes. Sem grupos, apenas todos. Como se os pés não precisassem do chão. Sem Deus, ou bilhões de deuses, somente nós. Mas sem tragédia. Não há tragédia alguma, ao fim. A não ser nosso desejo de tornar as coisas mais e mais difíceis.

Não sei se essa carta chegará a você. Os dias estão loucos demais. As pessoas, perdidas demais. E isso é realmente muito triste. Pois nos tira a beleza do sentir. Impede a vontade de sentir. Porque nos leva a pensar coisas, o tempo todo, mesmo que não saibamos por quê. Não estou certo se, mesmo em mãos, a lerá. Os dias estão rápidos demais. As pessoas, confusas demais. E isso é realmente muito desesperador. Pois nos tira a profundidade do sentir. Impede o silêncio de sentir. Porque nos leva a explicar as coisas, o tempo todo, mesmo que não saibamos para quê. Também não espero que



me entenda. Os dias estão confusos demais. As pessoas, alienadas demais. E isso é realmente muito solitário. Pois nos tira a delicadeza do sentir. Impede a descoberta de sentir algo mais e mais profundo e mais próprio e menos óbvio.

Ou a guarde. Para outro momento. Um outro dia.

Ou a jogue ao mar. Para outra época. Outro alguém.

Ou apenas tenha sob o travesseiro. Mesmo sem abrir. Mas ali, perto, parte sua e minha, e de nenhum de nós. Ela te fará sonhar. Pode ser um bom jeito de nos encontrarmos. E então poderemos, enfim, deixar as palavras fora de nós. E sentir. Muito. Sem querer algo. Nem explicar qualquer coisa. Sentir. E descobrir no momento de seu acontecimento o futuro olhar para nós e convidar a sermos a poesia do acontecimento que falta, mas que há de vir.



## EPÍLOGO: **DRAMATURGIA**

Escrever sobre teatro não é o mesmo que para teatro. Os exercícios da crítica e da dramaturgia são profundamente distintos em seus interesses e recursos. Enquanto um prioriza a reflexão objetiva, o outro se interessa pelos desvios. No entanto, também a crítica pode se construir a partir de uma narratividade particular, singular e propor, como possibilidade de construção de ideias, formas literárias de abordar as reflexões. O problema está no entendimento que espelha o oposto à dramaturgia, quando se têm a escrita para teatro como instrumento discursivo e demonstrativos de ideias, morais e razões. Como fugir dessa simplificação que, muitas vezes, aprisiona a dramaturgia a uma espécie de literalidade ideológica ou de mero meio de representar discursos? Esses são mecanismos recorrentes na cena contemporânea, mas, em verdade, quase nunca no interesse de investigar a linguagem e a escrita em si. Apenas usam da dramaturgia, enquanto recurso, para abrigar os discursos exteriores e prévios.

Por isso, é preciso olhar para a dramaturgia em suas duas potências fundamentais: quando peça, portanto aquilo que será assistido ou lido, quando projeto, composto, então, por uma estratégia de escrita e proposição possível apenas se realizada como teatro.

Projetos dramatúrgicos não são os mesmos que projetos de dramaturgia. Neste, a dramaturgia é elemento ao uso do projeto. Por exemplo, escritas coletivas, escritas participativas, escritas expandidas etc. Nesses materiais, a dramaturgia é elemento inicial individual, e passa, ao se desdobrar pelo acúmulo, aproximação ou ampliação a um projeto que terá por finalidade apresentar um ou vários textos consequentes a uma prática específica.

Projetos dramatúrgicos, por sua vez, diferem-se por conterem em sua própria estrutura valores que, ao final, estabelecerão uma dramaturgia aberta sobretudo nas dinâmicas de sua experiência. Mesmo que a resposta, ou seja, o texto a ser apresentado, seja um único texto, uma única peça.

**RUY FILHO**

## SOBRE O **AUTOR**



Ruy Filho é idealizador e editor da Antro Positivo \_ plataforma de arte. É curador, crítico de cultura e colunista do jornal português Público BR e Investigador do Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. Vencedor do Prémio Internacional de Jornalismo Carlos Porto 2023 e 2024. No Brasil, foi diretor da companhia de teatro Antro Exposto, dramaturgista da companhia Ultralíricos (Felipe Hirsh) e trabalhou junto à Zé Celso e a Gerald Thomas.

**RUY FILHO**

**PRIMEIRA MONTAGEM  
DE INEVITÁVEL**

12 a 22 de Setembro de 2024  
Teatro do Bairro  
LISBOA, PORTUGAL

**LIVRO\_**

Artes Gráficas e Fotografia \_  
PAT CIVIDANES  
Performer (fotografias) \_  
CASSIANO CARNEIRO

---

Concepção, Encenação e Dramaturgia \_ RUY FILHO | Consultor Artístico  
PEDRO CURTO | Elenco \_ CASSIANO CARNEIRO E CHICO DIAZ  
Figurino DINO ALVES | Cenografia \_ RUY FILHO | Composição Original  
RAFAELE ANDRADE | Desenho de Luz \_ RUY FILHO E JOÃO VELOSO  
Operador de Luz \_ ALEXANDRE JERÓNIMO | Desenho de Som  
ANTÔNIO OLIVEIRA | Assistência de Direção\_ DIANA LARA  
Artes Gráficas e Fotografia \_ PAT CIVIDANES | Direção de Produção  
DANILO KIN | Produção Cultural \_ MÁRCIA DAMASCENO.





[ Lisboa | 2024 ]

ANTROPOSITIVO